

CORPO, BICICLETA, CIDADE

Leandro José Carmelini¹

Resumo: Esse texto é sobre a mediação da bicicleta sobre o corpo urbano. Falamos aqui da circulação cotidiana de ciclistas nas grandes cidades, para pensar, sobretudo, como essa experiência, ao mesmo tempo tensa e prazerosa, constitui, por um lado, o um tipo específico de corpo, e, por outro, uma certa espessura de cidade. No texto, trabalharemos por sobreposição cumulativas de imagens, para pensar, primeiro, uma ontologia processual e caosmótica do corpo; segundo, a constituição de uma cidade aparelhada pela modernidade; e, terceiro, os pontos de fuga desse aparelhamento permitidos por um certo agenciamento entre corpo e bicicleta.

Palavras-chave: Circulação; cidade; micropolítica.

a) Máquinas e órgãos / o corpo

O corpo é tudo isso. O corpo não é nada mais que isso. O corpo está fora, mas só pode existir dentro da consistência das relações. O corpo está dentro, mas não pode se esconder nem por um segundo do fora que o preenche. O corpo é um território, uma disputa, uma tensão, um processo, um resultado. É uma forma com variados graus de densidade. Um fluxo constante de solidificação e liquefação. O corpo é matéria, ossos, pele, fluidos, mãos, pés, papilas gustativas, células fotossensíveis. O corpo é imaterial, é tudo isso que está aqui e não se pega, não se vê, não se cheira, não totaliza. O corpo é isso tudo junto. O corpo é máquina e órgãos, fluxo e forma, estratos e devir.

O corpo é massa de moldar. O corpo pode ser Eu. O corpo não pode não ser nós. O corpo é um nó entre nós e Eu. Um nó que desata, um nó que aperta, um nó cego, um complexo de nós, uma teia, uma rede, um rizoma. O corpo é fronteira, fronteira que junta, fronteira de troca, de encontro. O corpo não é um aparelho. É uma máquina. Uma máquina aparelhada, talvez. Mas jamais um aparelho. Órgãos são aparelhos, aparelhos que organizam a máquina, que esquadriham e hierarquizam os fluxos da máquina corpo: aparelho digestor, aparelho circulatório, aparelho linfático, aparelho central. São concatenados, sequenciais, simétricos e sincrônicos. São racionais. Fractais racionais.

O corpo não é só isso. Isso não é o corpo. Não sei o que é o corpo, mas sei o que não é. Não se pode saber o que é o corpo, até porque são muitos corpos, plurais e singulares. Mesmo que seja um só corpo, não é um. É no máximo (e no mínimo) n-1. O corpo não é, definitivamente.

b) Fluxos e circuitos / a cidade

As cidades são fluxos. Fluxos que convergem, fluxos que circulam, que atraem, que misturam. A cidade, contudo, assim como o corpo, não é aparelho. A cidade não é órgão, função, objetivo. Pode vir a tê-los, pode até se manter com eles, pode até se confundir com eles as vezes, mas certamente vai devir, desviar, desdobrar-se em outra, em outras e outras. Certamente já foi outras, e muitas, e múltiplas. A cidade não é órgão, nem aparelho, é fluxo interno, fluxo de atração, fluxo constante, fluxo no tempo. A cidade é centro, é intensidade, é Outro. A cidade é borda, é dobra, é franja. A cidade transborda, desdobra, se movimenta, e é disso que ela é feita.

A cidade é ferro, estrutura, prédio, carro, asfalto, concreto. Fumaça, rato, barata, emprego. Arvore, vento, flor, sorriso, dor. A cidade é fluxo, de informação, de crédito, de dinheiro, de corpos. As cidades somos nós. A cidade é quadrícula e circulação. A cidade é macro e micro, maior e menor, molar e molecular. Vivemos nela e ela em nós. A cidade sou eu. Eu sou a cidade. A cidade

¹ Mestrando PPG ECO – UFRJ. E-mail: lcarmelini@gmail.com.

é você. Você é a cidade. A cidade é ele, ele é a cidade. Cidades, eus, vocês, eles. A cidade foi, vai e vem. A cidade não é o mercado. O mercado galopa na cidade. A cidade é um cavalo. Um cavalo selvagem. A cidade é um território. Um campo de forças. Um jogo de tensões. A cidade treme. A cidade é tensa. A cidade é quente. A cidade queima.

c) Circuito quadricular / o carro

O carro é um aparelho. Assim como o Estado, os órgãos e a família, o carro é um aparelho, uma estratégia. O carro fecha, protege, controla. O carro é um pedaço do Estado. Um pedaço do Estado que leva a família para o shopping. Um pedaço do Estado que te protege com *insulfilm*, alarme, blindagem, e IPI zero, óbvio. O carro, o shopping e a família da margarina são aparelhos. Aparelhos ideológicos do Estado. De carro você circula pelos órgãos da cidade, pelas funções, pelos circuitos seguros, retos e rápidos. De carro você chega rápido ao trabalho. De carro você chega rápido ao mercado (desde que rapidez, como sugere Deleuze, seja movimento, não aceleração). De carro você funciona. O carro aparelha o corpo e organiza a cidade. De carro o corpo e a cidade estão aparelhados: avenidas são artérias e veias, o trabalho é o cérebro, a casa é o coração, o mercado é o estômago e o dinheiro é o sangue. De carro, então, o sangue corre rápido pelos órgãos, irriga os órgãos, oxigena os órgãos.

O carro te leva pra escola, para a fábrica, para a prisão, para o hospital, etc. O carro leva o corpo para passear pela disciplina desses espaços, o carro molda o corpo como esses espaços. Se o corpo é uma massa de modelar, o carro, assim como esses espaços de disciplina, são mãos e tornos, martelos e espátulas, são formas de bolo. É isso, são formas! O carro é uma forma. Uma forma que molda o corpo como um bolo. Um molde que quadricula o corpo e coloca ele no circuito disciplinar que aparelha o estado.

(Um parêntese para esclarecer) Que fique claro: o carro não é uma coisa. É um mundo. Carro aqui é todo o mundo do carro, toda a consistência que o sustenta. De Haussmann à Dilma; do semáforo ao petróleo; da extração da seringa às estatísticas absurdas dos atropelamentos; da fumaça nos pulmões à publicidade; da Ford à Toyota; dos estacionamentos no centro da cidade aos engarrafamentos nos feriados. Carro, enfim, é um mundo: é *gravitas*, é queda constante de iguais, homogeneidade, retidão, constância, previsibilidade. Existe o mundo do carro. Mas o mundo do carro não é a cidade. Está na cidade, sim. Mas não é, não era, e não será. (Sigamos).

O carro estica e pavimenta cidade, ao mesmo tempo que diminui o corpo. De carro a cidade parece pequena. Sem carro o corpo parece pequeno. O carro é rápido e o corpo é lento. O carro é reto, o corpo é torto. A cidade de carro é uma, sem carro é Outro.

O carro é uma parêntese atencional. De carro só se olha para frente e para trás. De carro não se deve olhar para o lado, no máximo para o retrovisor. O carro não foi feito para encontrar a cidade, o carro foi feito para encontrar o trabalho, o mercado e a garagem de casa. Não foi feito para olhar nos olhos, foi feito para olhar os semáforos, as placas, as leis, as faixas do asfalto, a lataria dos outros carros, o guarda de trânsito. Não foi feito para ouvir o Outro, foi feito para ouvir buzina. Rádio, no máximo. O carro não foi feito para durar no tempo, foi feito para ultrapassar, o tempo, o Outro e o que mais estiver pela frente. O carro precisa de um espaço só seu. Precisa de uma vaga de garagem grande e de um espaço grande para atravessar. Precisa que não exista nada mais no mundo além de carros. O carro mata o pedestre, o cachorro, o ciclista. O carro mata a cidade. O que entrar no espaço do carro, morre. É atropelado, estratificado, pavimentado. O carro não sabe conviver, não sabe se misturar, não sabe se perder.

Mas o carro não é a cidade, por mais que esteja presente em cada centímetro dela. O carro não é o corpo, por mais que os corpos da cidade se encaixem nele com perfeição e sem ele pareçam

tão antiquados. O carro é um aparelho, que aparelha a cidade, que coloca a cidade nas quadriculas do estado, que coloca o corpo no colo da família, dentro do shopping, na garagem do trabalho.

d) Fluxos na borda de dentro / a bicicleta

A bicicleta não é aparelho nem máquina. A bicicleta é uma ferramenta, uma tática. Não é aparelho porque não é hegemônica, e não é máquina porque não pulsa, não deseja. É ferramenta, pois pode ser usada para se fazer alguma coisa, coisas outras que não estão sendo feitas. É tática, portanto. Está dentro, mas não conforme. Um corpo de bicicleta na cidade, porém, é uma máquina. Uma máquina ferramentada, agenciada por uma ferramenta: um ciclista.

(Nota de esclarecimento) A bicicleta que falamos aqui não é um objeto, uma essência, um herói. Trata-se da bicicleta agenciada pelos ciclistas ordinários da cidade atual, dos praticantes cotidianos da urbe, do fluxo intenso de trabalhadores ciclistas que ganham a cidade todos os dias permeando os limites violentos do trânsito motorizado. É desse ciclista tático que falamos, dessa multidão de ciclistas que na volta do compromisso flui com leveza por entre os corredores de carros engarrafados, que na sua lentidão segue pelos grandes espaços que sobram entre um carro e outro, entre a calçada e o asfalto, entre as nuvens de fumaça concentrada nos congestionamentos. (Certo?)

Nos órgãos da cidade, contudo, não cabe a bicicleta. Ou se cabe, é na orla, na praça, no parque, na pista de corrida, no final de semana, no bagageiro do carro indo para o sítio da família, etc. Não no centro, nos estratos, como transporte. A bicicleta é estranha aos órgãos da cidade. O ciclista é um estrangeiro nos órgãos da cidade.

As bicicletas, no entanto, estão na cidade. Cada vez mais, aliás. Mas por quê? Porque corpo nenhum suporta apenas órgãos. Principalmente se forem órgãos em agonia, que já não funcionam como deveriam. E aonde estão? No meio dos órgãos, na borda, na franja, na fronteira, dentro. Nos espaços entre um órgão e outro. Como? Não se sabe ao certo. De todos os modos possíveis, eu diria.

A bicicleta é uma fronteira, um limiar, um intermezzo. Um vaso comunicante entre o corpo e a cidade; entre a calçada e o asfalto; entre o veloz e o lento; entre o funcional e o errante; entre o trabalho e o passeio; entre o reto e o torto; entre o pobre e o rico; entre o aparelho e a máquina. A bicicleta é um poro, um buraco, uma fenda, uma ferramenta de escape dos órgãos. Escape, inclusive, da pane dos órgãos, da paralisia. Uma ferramenta corporal de (re)ocupação do espaço motorizado.

Todavia, o corpo de bicicleta na cidade é tenso. É tenso pois está em constante perigo. É gambiarra. Está no ponto cego do poder, não é previsto. Vai na contramão, na calçada, no meio da rua, no canto, fura o sinal, erra o caminho e da meia volta imediatamente. Para em qualquer poste, encosta em qualquer borda, não paga tarifa, gasolina, IPVA, estacionamento. O corpo de bicicleta definitivamente está em tensão, mas flui bem, pois está livre dos órgãos. Está no meio de um campo quadriculado, mas ao mesmo tempo imune a ele. Precisa considerá-lo, mas não o obedecer. Precisa entendê-lo, mas não o seguir. É afetado por ele, mas não sucumbe. É tenso, contudo, porque é um corpo. Um corpo de carro é um carro. Um corpo de bicicleta é um corpo. E o asfalto não foi feito para corpos, por isso é tenso, por isso tensiona. O corpo é estranho ao asfalto, é estranho ao espaço dos carros. Não emite buzina, luzes. Não vai ser multado pelo guarda, não vai perder pontos na carteira, não vai necessariamente obedecer aos códigos de trânsito. O ciclista olha nos olhos do motorista, pede passagem com a mão, expressa espanto, alegria, tensão. O corpo ciclista fala com o motorista, assovia, acena. Fala com a boca, não com a buzina; da seta com a mão, não com o farol. A bicicleta abre os corpos, expõe os sentidos, vulgariza a cidade.

O corpo respira, soa, grita. Sensibiliza o asfalto. Inclui carne no meio da pedra e do aço. Constrange os cavalos do motor. Se não constrange, ao menos evidencia sua estupidez fálica. Diminui a distância entre os corpos em circulação. Aquece o espaço gelado do trânsito mecânico. O ciclista não é só olho e ouvido. É também mãos, narinas, paladar. A cidade para o ciclista não é

só luzes, buzinas, faixas e latarias. É textura do asfalto, cheiro dos bairros, cores dos muros, vozes aglomeradas, sol, sombra, chuva, vento, lixo, multidão de corpos, lotes vazios, poças de água no chão, multiplicidade. A bicicleta não é uma extensão do sofá, da casa e da família. É uma mídia, um canal, uma fenda, um acesso largo para a cidade maquina. O caminho da bicicleta não é um obstáculo reto a ser transposto. É espesso, denso e complexo. Para o ciclista, além do início e do fim, existe o meio. Além da casa, do trabalho e do mercado, existe a intensidade vibrante da cidade.